

O futuro do Pix

» LUIZ COIMBRA

Co-CEO e fundador da Shipay, fintech que integra os principais pagamentos digitais por QR Code



G O M E Z

vigor, estabelecendo o limite de R\$1.000 para transações no horário noturno, prazo para efetivar o aumento de limite de transações e cadastro de contas que poderão receber Pix de maior valor. Além disso, a partir de 16 de novembro, as instituições financeiras poderão bloquear o recebimento de transferências via Pix a pessoas físicas por até 72 horas, caso haja suspeita de que a conta beneficiada seja usada para fraudes e o bloqueio será imediatamente comunicado ao usuário recebedor.

Muito embora seja um avanço, tecnologicamente hoje é possível fazer mais, e diferente. O Wallet digital já está incorporado no cotidiano de pagamento de diversos países. As carteiras digitais guardam os dados pessoais e financeiros do usuário. Assim, sempre que é preciso fazer um pagamento, é possível utilizá-la por meio da aproximação do celular a uma maquininha ou da leitura de um QR code.

É muito importante estarmos atentos com o crescimento do e-commerce internacional, que conta com uma comunidade com cerca de 300 milhões de migrantes estrangeiros ao redor do mundo. Há uma demanda por

alternativas mais ágeis e seguras para realizar remessas e pagamentos internacionais utilizando o Pix. Imagine o volume de transações e o impacto que isso poderá gerar para o PIB.

Hoje, quase 4,2 milhões de brasileiros vivem no exterior, segundo dados do Itamaraty, ao passo que cerca de 1,2 milhão de imigrantes vivem em território brasileiro. As remessas de brasileiros no exterior para suas famílias no Brasil representaram 0,2% no PIB de 2020.

A agenda do Banco Central prevê uma série de mudanças nas normas cambiais que vão abrir espaço para a chegada do PIX Internacional. Desde a data de seu lançamento, o BC realizou consulta pública com foco na evolução dos facilitadores de pagamentos internacionais. A ideia é trazer novos arranjos de pagamento dentro da regulamentação cambial, o que pode ampliar as possibilidades das fintechs na prestação de serviços. Esses esforços estão alinhados com uma tendência global de facilitar e baratear as transferências internacionais. Na corrida pela digitalização do mercado financeiro, o Pix coloca o Brasil em posto avançado.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

É preciso abrir o verbo

Uma das muitas dúvidas que aflige os chefes de governo presentes na COP26, em Glasgow (Reino Unido), é saber, ao certo e sem “pedaladas ambientais”, que rumo tomará o Brasil com relação à redução das emissões de gases de efeito estufa nos próximos anos. O não comparecimento do presidente da República na COP26, ainda mais quando se verifica que ele estava na Europa nessa ocasião, deixou, segundo observadores presentes na reunião, a má impressão de que a ausência do chefe de Estado na Cúpula sobre o clima pode ser usada como pretexto para não assumir pessoalmente qualquer compromisso taxativo diante de seus pares que prejudiquem suas pretensões às próximas eleições e, sobretudo, que venham a comprometê-lo com seus apoiadores no caso de um provável segundo mandato.

Por certo, o agronegócio, que apoia incondicionalmente o governo, está comemorando esse desdém do presidente com a COP26 e uma possível restrição à expansão de seus empreendimentos no Brasil. Com a decisão de Bolsonaro de não comparecer à COP26, quem perde é o Brasil, que passa a ser incluído entre as nações com pouca ou nenhuma credibilidade perante o mundo num momento delicado para o planeta e para o futuro da humanidade.

É preciso ter em mente que o problema ambiental, com todas as variantes climáticas que estamos assistindo no dia a dia, chegou ao seu limite extremo, não sendo mais tolerado indecisões com base em questões internas de cada país, muito menos questões de tipo eleitoral. É sabido que a maioria dos países desenvolvidos já vêm correndo contra o tempo e adotando, em ritmo acelerado, tecnologias que valorizam a produção de energia renováveis e limpas.

Com isso, já está previsto até uma queda surpreendente na demanda por petróleo, o que pode levar empresas como a Petrobras e outras a se tornarem obsoletas e desvalorizadas em pouco mais de três décadas. A queima de derivados do petróleo está assinalada como uma das maiores inimigas do planeta.

A segunda maior ameaça vem por conta do desmatamento e da queima de vegetação nativa, questão que diz respeito direto ao Brasil. Embaixadas de todo o mundo, com sede em Brasília, enviam diariamente informações aos seus governos sobre a situação ambiental no Brasil e sobre as medidas adotadas internamente nessas questões.

São informes reforçados por imagens de satélites e por ONGs que atuam no Brasil, dando um quadro geral da situação do momento. Mentir ao tentar apresentar dados falaciosos sobre a situação ambiental é desnecessário porque vão contra os fatos. Hoje, já é possível dizer que, nessas questões, ninguém mente impunemente. Os dados de que dispõem os cientistas confirmam que o governo brasileiro vem dando informações diferentes desde os primeiros encontros do clima a não cumprir nem um terço dos acordos que vem estabelecendo.

É preciso entender ainda que a maior preocupação não só do mundo como de muitos brasileiros que assistem essa destruição de perto é com a Amazônia, com o Cerrado e com biomas como o Pantanal e a Floresta Atlântica. Trata-se aqui de um problema de todos os habitantes da Terra, porque, ao contrário do que acreditam governos mal informados e mal intencionados, a questão do aquecimento global, como o próprio nome diz, não conhece fronteiras, afetando igualmente países ricos e pobres, pretos e brancos, incluindo nesse conjunto governos negacionistas ou cientes do problema.

» A frase que foi pronunciada

“O sistema de energia no DF piorou anos luz.”

Rosimeire Eloi Antunes

Faz o que gosta

Celma Diaz é profunda conhecedora da arte, com um especial carinho pelos artistas da cidade. Na feira do Gilberto Salomão, que acontece no último final de semana de cada mês, lá estava ela. Explicando gravuras, pinturas, esculturas e biografias.

Esperança

Se as quadras de Brasília foram projetadas com comércio, escolas, postos de gasolina, esqueceram do apoio espiritual no Noroeste. Até hoje não há igreja naquela comunidade.

Fé

No Blog do Ari Cunha, um texto histórico assinado por Laércio Silva Filho sobre Santa Cecília, a padroeira dos músicos, publicado no informativo da igreja Nossa Senhora do Lago.

» História de Brasília

A Fundação Brasil Central acha, e com muita razão, que assistência médica a índio só se presta com remédio dado de graça. Alega, entretanto, que os altos encargos não possibilitam verba para isto. (Publicada em 13/02/1962).

Equilíbrios da natureza

» MARCOS FABRÍCIO LOPES DA SILVA

Jornalista, formado pelo UniCeuB. Poeta, doutor e mestre em estudos literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Possuímos uma forma de inteligência reflexiva, capaz de construir conhecimentos racionais e emotivos, comandados por um sistema nervoso centralizado no cérebro, e somos capazes de criar formas de inteligência artificial para nos ajudar na solução e resolução de problemas com maior agilidade e rapidez através de sofisticada tecnologia. Por outro lado, não podemos negar a possibilidade de haver outras formas de inteligência, seja ela semelhante aos padrões humanos e animais, ou mesmo apoiada em sistemas descentralizados e funcionais, como a inteligência dos seres vegetais — chamada, por Josafá Carlos de Siqueira, de “inteligência verde”.

Infelizmente, assim como o metabolismo entre sociedade e natureza no mundo moderno produziu a crise ambiental, de igual modo a nossa natureza interna vem sofrendo as consequências inadvertidas e indesejadas de um processo civilizatório em guerra com o psiquismo arcaico do animal humano e calcado no culto fanatizado da tecnologia e da máxima eficiência em tudo. A crise da ecologia psíquica é fruto da severidade da renúncia instintual imposta por um processo civilizatório agressivamente calculista e cerebral: uma forma de vida em que a convenção e a hipocrisia permeiam os vínculos erótico-afetivos enquanto a competição feroz, a ansiedade e a ambição irrestrita dominam o mundo da produção e do consumo.

Em *Equilíbrios da Natureza* (Garimpo, 2003), os músicos Régis D’Almeida e Paulinho Andrade chamaram muito bem a nossa atenção para os dilemas socioambientais: “Assim

como no chão não tem estrelas/No céu não se vê nenhuma flor/No sertão não sabe o que é geleira/No Alasca também não faz calor/Assim como o gato persegue o rato/É também perseguido pelo cão/O cão por sua vez respeita o lobo/E o lobo respeita o leão/São os equilíbrios da natureza/Criados por Deus nosso senhor/Você tem amor e não tem sorte/Eu tenho sorte e não tenho amor/Assim como se nasce de repente/Também se perde a vida num segundo/Como a planta nasceu pra ter raízes/O homem nasceu pra correr mundo/Assim como quem sobe alcança a glória/Quem cai só encontra infortúnios/ Porque se o céu não tem limites/O inferno também nunca tem fundo”.

O mundo moderno nasceu embalado por três ilusões poderosas: I) a de que o progresso da ciência permitiria banir o mistério do mundo e elucidar o sentido da existência; II) a de que o projeto de explorar e submeter a natureza ao controle da tecnologia poderia prosseguir indefinidamente sem aticar a ameaça de grave descontrole da biosfera; III) a de que o processo civilizatório promoveria o aprimoramento ético e intelectual da humanidade, tornando nossas vidas mais felizes, plenas e dignas de serem vividas.

Ao contrário do que se esperava, aumentou a disparidade entre ricos e pobres; cresceu a exclusão social; a paz não foi alcançada como uma condição estável e natural da humanidade; cada vez mais, menos pessoas detêm mais riqueza e consomem mais recursos da natureza; melhoramos a eficiência energética sem, contudo, valorizar as fontes renováveis de energia. Hoje somos capazes de

provocar destruição em grande escala e em pouco tempo, com um formidável arsenal bélico. Somos capazes de cobrir o planeta de lixo, resíduos de nosso perdulário consumismo. Ao mesmo tempo em que resolvemos conquistar o espaço sideral, não resolvemos questões básicas, como o provimento de alimentação, educação, saúde e saneamento à metade da população do planeta.

Não temos o direito de depredar a natureza como o fizeram aqueles que hoje estão preocupados com nosso comportamento predatório. Como devemos, então, alcançar o desenvolvimento sustentável? O líder indígena e ambientalista Ailton Krenak, autor de *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), defende a importância de o Brasil valorizar sua identidade multicultural e rejeita, com razão, teses deterministas de subdesenvolvimento econômico — conceito que também não julga suficiente para medir qualidade de vida ou muito menos felicidade:

“Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos”.